



## QUANDO OS PRECONCEITOS SE DOBRAM:

### SENTIDOS DE JOVENS HOMOSSEXUAIS VIVENDO COM HIV/AIDS

Degmar dos Anjos<sup>1</sup>

Francisca Marina de Souza Freire<sup>2</sup>

Lucia Robertta Matos Silva dos Santos<sup>3</sup>

Ana Alayde Werba Saldanha Pichelli<sup>4</sup>

**Resumo:** O HIV/Aids não é uma epidemia de ordem exclusivamente física, que exija apenas cuidados relacionados ao uso de medicamentos e controle de infecções oportunistas, mas também é social, pois está relacionada a questões que envolvem, a discriminação, a revelação do diagnóstico a familiares e à comunidade, o medo do enfrentamento público e, ainda, o medo da morte. Tais problemas se ampliam ainda mais quando além de enfrentar todos os medos anteriormente mencionados, surgem os sofrimentos causados pela discriminação heterossexista estruturada histórico e socialmente e que se torna, também, motivo de medo, preocupação e angústia. Nesse contexto, o presente estudo de caso objetivou, sob a perspectiva construcionista social, debater e analisar o duplo preconceito sofrido por dois jovens homossexuais que vivem com HIV/Aids.

**Palavras-chave:** Homossexualidade, HIV/Aids, Preconceitos, Construcionismo Social.

#### HIV/Aids e Preconceitos

Os resultados do Boletim Epidemiológico da Aids - 2010, divulgados pelo Ministério da Saúde, mostram que há tendência de crescimento de casos da doença entre os jovens e queda na transmissão vertical. De acordo com o levantamento feito com mais de 35 mil jovens de 17 a 20 anos de idade, a prevalência do HIV nessa população passou de 0,09% para 0,12% nos últimos cinco anos. Já nos dados do Boletim Epidemiológico da Aids – 2011, além de haver uma ratificação desse crescimento entre jovens (em 2010, houve mais de sete mil novas infecções por dia em todo o mundo, sendo 34% em jovens de 15 a 24 anos), aparece um outro dado alarmante: em jovens do

---

<sup>1</sup> Doutorando em Psicologia Social pela UFPB; Docente no IFMT.

<sup>2</sup> Doutoranda em Psicologia Social pela UFPB.

<sup>3</sup> Mestre em Psicologia Social pela UFPB.

<sup>4</sup> Pós-Doutoranda em Psicologia pela USP; Docente no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da UFPB.

sexo masculino na faixa etária de 15 a 24 anos a taxa subiu de 9,5, em 2000, para 11,1, em 2010, o que representa um acréscimo de 16,8%. Entre a população gay nessa faixa etária, os índices se tornam mais alarmantes ainda: quando comparados com os jovens em geral, a chance de um jovem gay estar infectado pelo HIV é 13 vezes maior.

Contudo, Além de abordar a vulnerabilidade dos jovens ao HIV/Aids, é imprescindível que se discuta, também, uma outra relação: a dos jovens que vivem com HIV/Aids e o preconceito sofrido devido a esta condição. Tal tema precisa ser abordado pois o HIV/Aids não é uma epidemia de ordem exclusivamente física (que exija apenas cuidados relacionados ao uso de medicamentos, controle de infecções oportunistas etc), mas também é social, pois está relacionada a questões que envolvem, em especial na Juventude, discriminação, revelação do diagnóstico a familiares e a comunidade, medo do enfrentamento público etc (Coleman, Toledo & Wallinga, 2000).

Tal epidemia de ordem social torna-se aparente, principalmente, em decorrência do estigma e do preconceito que é associado ao HIV/Aids. Estigma e preconceito estes que podem ter sido causados, a princípio, pelas próprias estratégias de prevenção ao HIV/Aids. Nesse contexto, Guerra & Seidl (2009), citando Pequegnat (2002), explicam que tal estigma e preconceito pode ser decorrente de quatro características da Aids: (1) é uma doença que, principalmente em seu surgimento, tornou-se percebida como letal; (2) é uma enfermidade contagiosa, podendo colocar outras pessoas em risco; (3) durante o processo de adoecimento da Aids pode ser uma condição aparente a terceiros; e (4) é uma doença cujas causas são atribuídas como de responsabilidade do indivíduo.

Ao abordarem este tema, Ayres *et al* (1999) se referem aos primeiros anos da epidemia (1981-1984) como o período que evocou a idéia de “grupos de risco”. Estes foram amplamente difundidos através da grande mídia e se tornaram a base das poucas e incipientes estratégias de prevenção. O grupo de risco que era visado nas campanhas era composto, principalmente, pelos profissionais do sexo, usuários de drogas injetáveis e homossexuais. Apesar desta ter sido a primeira estratégia para se pensar em formas de prevenção ao HIV/Aids, esta categorização dos indivíduos, acabou estimulando o preconceito e a estigmatização das pessoas que a estes grupos pertenciam.

Como se percebe, para o imaginário popular o HIV/Aids passou a ser visto, como uma doença de pessoas promíscuas, pecadoras e culpadas, ou, então, como um “passaporte para a morte”, a esse respeito, vejamos o que diz Bastos (2004, p.108)

O fenômeno do adoecimento não é um processo apenas individual: antes, é também um processo coletivo, que se expressa não somente através do “corpo doente”, mas também pelos

seus “sinais e sintomas sociais”. Algumas doenças, mais que outras, favorecem o aparecimento desses sinais e sintomas sociais devido à sua carga simbólica. A AIDS, devido a todas as questões já mencionadas anteriormente, tem apresentado seu perfil mais letal na esfera social de seus portadores.

O fato da incurabilidade da doença e a sua associação com a morte, amplamente divulgada e de certa forma legitimada pela ciência nos primeiros anos da epidemia, ainda estão presentes no imaginário coletivo. Portanto, ainda hoje, receber o diagnóstico de HIV positivo significa receber um passaporte direto para a morte.

Destaque-se, ainda, que mesmo tendo sido superada a fase em que se associava o HIV/Aids a “grupos de riscos”, passando tal compreensão a ser combatida pelos pesquisadores e pela visão acadêmico-científica, infelizmente, tal visão de que o HIV/Aids é decorrente, apenas, de comportamentos promíscuos parece perdurar. E tal preconceito generalizado parece abarcar todos os espaços nos quais o jovem circula. Como bem aponta Pizarro (2006 p. 110):

Observamos, também, que o preconceito e a discriminação estão presentes e são localizados nas falas de todos: crianças, pais e professores. Essa discriminação é mais fácil de ser localizada no outro do que em si, deixando claro que essa naturalização foi, e é, construída nas rotinas, nos discursos, nos currículos, nas relações sociais, constituindo práticas sociais inseridas no nosso *modus vivendi*.

Tal discriminação, além de causar os sofrimentos psíquicos e emocionais, trás consequências danosas para a pandemia de HIV/Aids e é um obstáculo aos programas de prevenção e controle da doença. Muitos, devido à discriminação e à estigmatização do HIV/Aids, têm medo de procurar ajuda e acabam se afastando dos programas sociais criados para esse fim. Preferem ficar com a dúvida e ignorar o fato de poder ter o vírus a ter que enfrentar os estigmas e os preconceitos relacionados à doença.

Tal afirmação é fundamentada por pesquisa realizada no Brasil na qual de oito mil pessoas que foram entrevistadas pelo Ministério da Saúde 22,5% disseram que não comprariam legumes ou verduras em um local onde trabalha um funcionário com HIV e 13% afirmaram que uma professora com HIV/Aids não pode dar aulas em qualquer escola (Andrade, 2008). Esse medo do preconceito acaba fazendo com que muitos que sejam portadores de HIV/Aids ocultem a soropositividade por medo de discriminação. O estudo mundial chamado ATLAS (AIDS Treatment for Life International Survey ou Pesquisa sobre Tratamento para a AIDS em Âmbito Internacional), realizado com cerca de 3 mil pessoas soropositivas em 18 países (incluindo-se o Brasil) aponta que mais da metade dos entrevistados (54%) estão "muito" ou "um tanto" preocupados com o fato de outras pessoas conhecerem seu status de HIV positivos, com 83% alegando que isto se

deve predominantemente à preocupação com a discriminação social e o estigma (Lopes, 2008).

Esse alto índice de preocupação com a discriminação social e o estigma é decorrente, principalmente, pelo fato de que além do preconceito e do estigma que assombra o HIV/Aids, há outros fatores que levam à discriminação social. A esse respeito, Nascimento (2007, p. 149) diz:

No contexto da epidemia da aids, as pessoas são discriminadas por diferentes motivos dependendo da situação e do contexto. O estigma e o preconceito são bases importantes na construção da discriminação, mas não são as únicas. Dessa forma, o trabalhador com diagnóstico de HIV/Aids sofre discriminação por não corresponder ao desempenho e produtividade esperados, ou simplesmente por prevenção, podendo ser somada a uma tentativa de higienização dentro da empresa na busca da imagem estética ideal.

Ao lermos tais considerações de Nascimento, é possível retomar, também, Michael Foucault, que ao dialogar acerca do “corpo social” ou a sociedade, nos leva a compreender como o processo de discriminação e exclusão se torna “legitimado” nessa busca dissimulada e sutil da manutenção de uma sociedade “limpa e ideal”. A tentativa de “higienização” mencionada por Nascimento na citação acima é, infelizmente, bem mais real e constante do que se pode imaginar. Vejamos o momento em que se torna possível encontrar tal temática em uma das entrevistas com Foucault (2001, p.82):

(...) é o corpo da sociedade que se torna, no decorrer do século XIX, o novo princípio. E este corpo que será preciso proteger, de um modo quase médico: em lugar dos rituais através dos quais se restaurava a integridade do corpo do monarca, serão aplicadas receitas, terapêuticas como a eliminação dos doentes, o controle dos contagiosos, a exclusão dos delinquentes. A eliminação pelo suplício é, assim, substituída por métodos de assepsia: a criminologia, a eugenia, a exclusão dos "degenerados"...

Essa visão de higienização da sociedade não nasce, contudo, no século XIX. O grande número de abrigos de leprosos durante a Idade Medieval é prova clara de que já bem antes se excluía do convívio social aqueles considerados “impuros”. Durante o imaginário renascentista, a salvação “corpórea” do leproso estava intrinsecamente ligado à salvação da alma (Foucault 2001), com isso o mal do leproso consistia em sua salvação religiosa e excluí-lo era um comportamento social “justo”, pois era o reconhecimento de que ele seria salvo, levando com tal argumento o próprio doente a aceitar o seu calvário, pacientemente. Tais enfermos foram, portanto, severamente combatidos ao longo da história com ritos de purificação e exclusão, sendo os “leprosos proscritos, destituídos dos direitos civis e considerados socialmente mortos” (Rosen, 1994). Tal visão higienística, infelizmente, chegou a outras enfermidades, como a tuberculose e a loucura, sendo modificada apenas em meados do século XX quando se solidificou uma visão mais humanizada de sistema de saúde (Rosen, 1994). Contudo,

tal visão tão excludente, ainda que tenha sido combatida, permanece no imaginário popular possibilitando que ações e atitudes discriminatórias permanecessem, principalmente em enfermidades consideradas “impuras” como é o caso do HIV/Aids.

Movido por tal preocupação com o estigma, o preconceito e a discriminação, no ano de 2010, para marcar o Dia Mundial de Luta contra a Aids, o Ministério da Saúde lançou uma campanha em que Jovens de 15 a 24 anos eram o foco da ação, tendo como objetivo desconstruir o preconceito contra pessoas que vivem com HIV/Aids. De acordo com informações anunciadas no site oficial sobre HIV/Aids do Ministério da Saúde<sup>5</sup> a campanha de combate à vulnerabilidade ao HIV/Aids em 2011 teve, novamente, os jovens de 15 a 24 anos, especificando, desta vez nos jovens gays dentro dessa faixa etária pertencente às classes C, D e E. O intuito é o de discutir as questões relacionadas à vulnerabilidade ao HIV/Aids, sob o ponto de vista do estigma e do preconceito. Campanhas como essas são de extrema importância pois, se já há os complicadores emocionais e fisiológicos causados pela doença, o preconceito social acaba por ampliar ainda mais os sofrimentos psíquicos dos jovens que são soropositivos.

Um exemplo de como o preconceito e a desinformação acerca do tema estão generalizados ocorreu na edição 2010 do Big Brother Brasil 10, um dos programas de maior audiência no país, cujo participante Marcelo Dourado, escolhido ao final pelos telespectadores para ser o vencedor do prêmio do programa, em um único comentário conseguiu gerar uma polêmica preconceituosa que ameaçou derrubar por terra as campanhas sobre o HIV/Aids e as entidades que lutam pelo respeito aos homossexuais no país, quando afirmou que somente gays do sexo masculino transmitem o HIV/Aids. Absurdo maior, ainda, foi a concordância de outra participante, teoricamente uma representante das lésbicas no mesmo programa, que reforçou a fala do participante Marcelo Dourado ao afirmar que não se protege com a parceira porque mulher não transmite Aids, “só homem”. Os dois comentários desinformados e preconceituosos foram alvos de processo movido pelo Ministério Público Federal contra a TV Globo, que foi obrigada pela 3ª Vara Federal Cível de São Paulo a divulgar esclarecimento à população, sob pena de pagamento de multa de um milhão de reais. Mas independente da multa e dos esclarecimentos da TV, a vitória do preconceituoso participante Marcelo Dourado pode ser uma evidência de que a sociedade brasileira não discordou tanto de seus desinformados argumentos.

---

<sup>5</sup> <http://www.aids.gov.br/campanhas/2011/dia-mundial-aids>

Além da associação com a promiscuidade, o HIV/Aids, desde seu surgimento, esteve sempre associado à morte e à fatalidade. Com isso o portador do HIV/Aids tem sua cidadania negada, passando a ser excluído socialmente e renegado pelas pessoas ocasionando uma espécie de “morte social”. Além do problema da discriminação para a saúde pública, o ser humano e sua dignidade são intensivamente afetados. Atos como demissão ou mudanças repentina de setores no emprego, proibição implícita de frequentar determinados lugares, desprezo disfarçado, preconceito e discriminação na escola ou em outros espaços de convivência, omissão dificuldades para se conseguir atendimento médico, abandono da família e amigos passam a ser um desafio que assola as pessoas com HIV/Aids (Pizarro, 2006).

Quando se ouvem as vozes de setores da sociedade que deveriam ter mais informação, como a escola, se verifica que o desconhecimento, o medo e o preconceito são reais, comprovando a “naturalização” do preconceito da qual fala Pizarro (2006). A este respeito Pizarro (2006, pp. 95, 99 e 100) apresenta alguns excertos de docentes que ao serem entrevistados acerca da Aids, fazem afirmações em que se sente o preconceito e o despreparo referente ao tema. Vejamos:

“Seria complicado, em sala de aula já surgiu preconceito contra aidéticos. Há tabu em falar sobre Aids” (Escola U/2005.)

“Para mim seria difícil porque nunca recebemos essas informações, essas orientações dos cuidados que tem que ter, o que fazer numa hora dessas. Tenho muito medo da contaminação, não sei. Num curso de extensão que fiz eles nem falaram das doenças contagiosas [...] acho que ali eles também foram excluídos” (Escola I/2005).

“Falta o conhecimento dos cuidados com a criança. Me formei agora e não tivemos este conteúdo. Fiz um curso de extensão em Educação Especial e não trataram das doenças infecto-contagiosas. Fez falta!”(Escola I/2005).

“O que atrapalha é o medo do contágio [...] não sei se não era de ter uma escola especial, com mais recursos para atende-los melhor” (Escola L/ 2005).

“Tentaria dar o exemplo, mas ainda falta informação. Nos treinamentos falam de Aids em segundo plano. Era melhor uma escola só para eles” (Escola S/2005).

As falas apontam vozes com medo e desinformação vindas de um segmento da sociedade, a escola, que deveria, justamente, informar e desmistificar o HIV/Aids. O que pode parecer incoerência se torna uma realidade vista em muitas unidades escolares e alerta para um questionamento assustador: se os docentes, que teoricamente são uma classe intelectualmente esclarecida, agem com medo e preconceito, o que se dirá dos demais segmentos da sociedade?

Nesse contexto, muitos são os estudos que apontam a existência de uma síndrome social, ou epidemia social, carregada de preconceito e discriminação que cerca a doença e que gera efeitos psicoemocionais negativos nas pessoas que convivem com o vírus, ampliando a angústia, o medo da morte e as incertezas da vida (Azevedo, 2011; Azevedo, 2007; Carvalho et. al, 2007; Carvalho e Galvão, 2007; Oliveira, 2005; Saldanha, 2003).

E se para o adulto tal preconceito já é angustiante, que dirá para os jovens? Em especial os jovens que fogem ao padrão de sexualidade aceito pela sociedade? A angústia do adolescente com HIV/Aids se multiplica, pois o medo do preconceito surge justamente na fase da vida em que a necessidade de contato, de afeto e de compreensão se torna maior. Nesse contexto, são muitos os estudos que apontam que são grandes os desafios relacionados à esfera psicossocial em jovens, tais como a revelação do diagnóstico, a adesão ao tratamento e, principalmente, o medo do estigma e do preconceito devido à soropositividade (Guerra & Seidl, 2009; Ayres e cols., 2006).

A este respeito Amorim (2007), em pesquisa realizada com jovens soropositivos atendidos em um hospital municipal de Niterói (RJ) objetivando investigar como tais jovens lidam com sua condição de soropositividade, apresenta alguns excertos que possibilitam observar como o medo e a angústia devido ao preconceito são recorrentes, vejamos (Amorim, 2007, pp. 84, 85 e 94):

“...eu fico com medo, assim, de cortar a amizade comigo porque... qualquer coisa é preconceito. Uma vez falaram que eu tava com tuberculose e a maioria da turma ficou afastada de mim. Imagina se eu falar o que eu tenho, o que ia acontecer?”

“Nem pra minha melhor amiga eu falo.”

“A primeira vontade que dá é sair gritando. Detesto contar mentira pras pessoas, esconder. E isso parece que sufoca a gente porque... Dá vontade de gritar, de chegar e gritar pra todo mundo...”

“Então eu quero ir pra um lugar onde você chega e ninguém te conhece. [...] Onde ninguém saiba o que eu tenho, onde eu posso seguir minha vida sem todo mundo conhecido. [...] mas sei que meus dois problemas [referindo-se à perda dos pais e à questão do HIV] que são os piores da minha vida vão estar comigo pra sempre. Não posso fugir deles.”

Os excertos acima apresentam, justamente, a vozes de jovens que vivem na pele o medo de que alguém, cedo ou tarde, passe a discriminá-los por conta da soropositividade. Em outro estudo, também realizado com jovens soropositivos, desta vez objetivando estudar as interfaces presentes no processo saúde/doença em jovens atendidos em unidades de saúde no município do Rio de Janeiro, Bastos (2004, p. 109 e

111) apresenta a enunciação de outros jovens que também exprime o sentimento de medo à morte e ao preconceito presente no contexto do HIV/Aids na Juventude.

Vejamos:

“A propaganda, ao mesmo tempo, que ela previne ela também associa a morte (...), ela fala de solidariedade mas também atrofia, faz com que a gente pense só de uma forma” (I).

“eu pensei em se matar, eu já ia morre mesmo!” (E).

É por situações como essas que se tornam cada vez mais fundamental que haja ações governamentais e não governamentais e reforços das políticas públicas no sentido de esclarecer corretamente à população, objetivando, assim, que o estigma e o preconceito em relação ao HIV/Aids possam ser combatidos na sociedade brasileira (Guerra e Seidl, 2009).

## **Metodologia**

Trata-se de um estudo<sup>6</sup> qualitativo, não probabilístico, em formato de estudo de caso, que investigou sentidos produzidos por dois jovens, dois jovens residentes em João Pessoa/PB, sendo um jovem homossexual de 24 anos, advogado, com tempo de diagnóstico de 02 anos e um jovem homossexual de 21 anos, estudante, com tempo de diagnóstico de 01 ano. O Objetivo do estudo foi debater e analisar o duplo preconceito sofrido por jovens homossexuais que vivem com HIV/Aids.

Como constructo teórico-metodológico principal, pautou-se em uma perspectiva construcionista social (Gergen, 2009; Castañon, 2004; Ibañez, 1994), investigando a produção de sentidos enquanto práticas discursivas enunciadas por pessoas, aceitando-se nos mecanismos de análise que a mais importante manifestação interacional é a linguagem. (Spink, 2010; Iñiguez, 2004; Castañon, 2004; Spink & Medrado, 2000).

Para o processo de investigação, foi elaborado um roteiro de entrevista, que foi testado previamente. Com base nesse roteiro foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, constituído de quatro eixos, sendo eles: 1 - dados de identificação; 2 - contextualização do modo de vida; 3 - questões relativas à vulnerabilidade ao HIV/Aids e ao preconceito às pessoas soropositivas e ao contexto escolar; e 4 – questões relativas ao viver, ao interagir-se com outros e à perspectiva de futuro. Desta forma, buscou-se tanto captar o ponto de vista dos participantes envolvidos na realidade estudada, como

---

<sup>6</sup> O estudo de caso aqui delineado é parte de uma pesquisa maior, envolvendo a análise da produção de sentidos de dez jovens vivendo com HIV/Aids. Os excertos das falas dos dois jovens aqui apresentados, bem como um aprofundamento na questão do duplo preconceito serão abordados em texto a ser publicado futuramente.



apreender as relações sociais nas quais as representações, os comportamentos, os saberes e os modos de vida são produzidos. As entrevistas foram gravadas e transcritas para posterior análise.

O processo de análise foi realizado em quatro fases distintas: 1. Leitura flutuante das transcrições; 2. Elaboração de mapas com o conteúdo integral das entrevistas de acordo com as categorias analíticas encontradas; 3. Análise das categorias analíticas em busca da produção de sentidos dos jovens; e 4. Elaboração de Narrativa de vida. A Análise completa dos dados ainda está em andamento e deverá se publicada posteriormente.

Com o intuito de seguir todos os procedimentos de acordo com a “Resolução nº 196/96 sobre pesquisa envolvendo seres humanos” do Ministério da Saúde, o estudo foi submetido e autorizado pelo Comitê Ético da Secretaria Estadual de Saúde da Paraíba em 22 de dezembro de 2011.

### **Jovens, mas com forças de deuses**

Ter neste estudo de caso a participação de apenas dois jovens vivendo com HIV/Aids pode aparentar ser um número pequeno para uma pesquisa. Contudo, rapidamente deixa de sê-lo quando se ouvem as histórias, as angústias e as percepções destes jovens que vêm de lugares totalmente distintos, com histórias de vidas extremamente diferentes, apresentando características sócio-econômicas bem desiguais e que se estruturam em um conjunto que só se torna ajuntável devido a dois elementos comuns: ambos sofrem preconceitos por serem homossexuais e por viverem com HIV/Aids.

Para que possamos conhecer esses jovens que abriram suas vidas para a elaboração deste estudo (resguardando-se, obviamente, o sigilo relacionado às questões éticas), optamos em apresentá-los em forma discursiva com o intuito de possibilitar, ao leitor, uma visão mais próxima das histórias que aqui analisaremos. Concordando com a compreensão de Dufour (2000), para quem a história é o cimento da sociedade e funciona como um elo entre as pessoas (Amorim, 2007), tentou-se, aqui, apresentar um rápido relato de cada um dos participantes, exposição que se faz necessária para compreendermos melhor como vivem hoje e o que esperam de seu futuro.

Há, ainda, o uso de pseudônimos que remetem a deuses da mitologia grega. Duas são as razões para esta escolha: primeiramente, a cultura ocidental tem na cultura

helênica um de seus pilares mais elementares e, ainda hoje, remetemo-nos a essas divindades como forma de ressaltar determinados valores sociais e pessoais. Em segundo lugar, como os deuses da mitologia grega são compostos por defeitos e virtudes humanas, podem atuar, seguindo o pensamento de Weber (2004), como “tipos ideais”, dado que não correspondem à realidade, mas podem ajudar em sua compreensão para o entendimento de sentimentos humanos. Temos a possibilidade de, com esses pseudônimos, criar símiles que enfatizem as dores, mas que priorizem a luta cotidiana e os esforços de cada entrevistado na convivência social, com o adicional de se viver com o HIV/Aids, o que, às vezes, é só uma característica, mas, em outras, compõem a base subjetiva de julgamento individual de si, das relações com o outro e das perspectivas de futuro.

A relação entre participante e deus grego foi feita arbitrariamente pelos autores, mas tendo como baliza e critério uma relação entre a história de vida, as perspectivas de futuro e as peculiaridades da divindade que, nos mitos, encontra sua força justamente em sua fraqueza e seu contrário antitético. Além dessa relação, ousou-se dar à pessoa que convive com HIV/Aids um status que ultrapasse o senso comum de debilitado ou até marginal. Com esse cruzamento, há subentendida a proposta de apresentá-los como alegoria de luta social não só contra a doença, mas também contra quaisquer entraves psicológicos que estigmatizem um determinado grupo dentro do consenso normalidade.

## **Hermes**

Com dois caminhos à frente, temos Hermes, o mensageiro dos deuses, aquele que escolhe e indica os caminhos. No caso deste jovem participante, encontramos um homossexual assumido perante a família, mas ainda com medos das reações agressivas da sociedade. Com 21 anos, residindo com a mãe, ele já fez algumas escolhas que comprovam uma vida pra muito além do HIV/Aids. Estudante universitário, nosso Hermes possui um aspecto tímido, daqueles que olham para o chão quando falam e ficam vermelhos ao dar algumas declarações, mas isto apenas num primeiro momento, num primeiro olhar. Ao sentir firmeza nos companheiros de estrada, representados no pesquisador, ele foi se soltando aos poucos e entregando a imagem de um jovem sonhador, com medos e anseios quanto ao futuro, mas com passos em direção a ele. Mesmo que inseguro, Hermes continua caminhando e, ainda que tenha pensado em desistir da graduação na área de informática, demonstra que se autoanalisar é uma forma

de continuar lutando. Seus passos não são fáceis. Vive só com a mãe, possuem baixo poder aquisitivo, cresceu abandonado pelo pai, e tem como ponto de apoio a mãe e uma irmã, já casada. Descoberta sua sorologia apenas há um ano, Hermes já teve que iniciar a TARV (Tratamento Antiretroviral) no início do mês em que foi realizada a entrevista, dado que apresentou um quadro de complicações associadas à Aids. Durante o período da entrevista, foi possível visualizar, nos olhos desse jovem Hermes, como a tristeza e o sofrimento causados pelos preconceitos sofridos (ou pelos medos relacionados aos preconceitos) deixam marcas profundas. Mesmo em casa, o lugar que deveria ser de repouso de qualquer deus, há um preconceito implícito, velado, presente no fundamentalismo materno que em seu olhar acusador e com cobranças religiosas, mistura a homossexualidade e a soropositividade como doenças causadas pela ausência da religião. Contudo, mesmo sofrendo os preconceitos mil, nosso Hermes não se abate, não se esmorece. Amparado e amparando nos movimentos sociais, segue seus caminhos. Acima de tudo, Hermes compreende o mais importante: as dores dos caminhos trilhados servem como motivação ao passo, tornando-se impulso para suas sandálias. Como bem disse ao finalizar a entrevista, essas dores não o farão desistir, afinal, para Hermes *“não acabou, nada acabou. Acho que foi uma nova chance, sei lá. Tudo bem que é bem melhor você não ter, mas a partir do momento que você contrai, você tem que tomar determinados cuidados, deixar alguns hábitos que você tinha quando você não era e levar uma vida normal. Precisa apenas viver de uma nova forma, de um novo jeito.”*

## **Hefesto**

Diz o ditado popular que quem desafia o fogo sempre sai perdedor. Hefesto comprova isso. Sendo o deus do fogo, dos metais e da metalurgia, conhecido como o ferreiro divino na mitologia grega, é o responsável por forjar as armas e os itens de proteção de todos os outros deuses... Nosso jovem participante do estudo exemplifica bem esta postura: insere-se em movimentos sociais e demonstra uma preocupação constante em discutir temas ligados ao HIV/Aids, lutando pela proteção daqueles que socialmente estão mais vulneráveis. Hefesto, com 24 anos, é homossexual assumido perante a família e a sociedade e desde 2009 sabe de sua sorologia. Formado em Direito, atualmente é exímio advogado público e uma liderança em instituições que lutam pela causa LGBT e pelas questões sociais ligadas ao HIV/Aids. Mas se há uma

faceta que é poderosa, dado ser o ferreiro capaz de criar as mais seguras armaduras, há também um lado extremamente fragilizado, um poente de medos do futuro e questionamentos dos porquês da vida, o Hefesto mitológico possuía uma deficiência física que o tornava feio entre os deuses, tendo sido por isso expulso do Olimpo, sendo a ele negado o convívio com os demais deuses. O Hefesto de nosso estudo também foi expulso de um olimpo moderno. Na fase inicial de sua juventude – fugindo dos preconceitos enfrentados por já se ver homossexual, ainda que de forma oculta e às vezes não percebida – sonhara em ser religioso, chegando a participar ativamente das atividades da Igreja Católica e a se matricular no seminário, lugar em que desenvolvia com afincamento as atividades na expectativa de um dia ser um bom religioso. Contudo, quão grande foi sua decepção ao descobrir a sorologia e contar para o pároco responsável pelo seminário. Em lugar de uma palavra de conforto, ouviu “*que existia uma dificuldade entre o sacerdócio e a vida religiosa*” e que, pelo fato dele agora ser soropositivo, “*levaria muitos cuidados e a instituição não estaria preparada para isso*”. Igual ao Hefesto grego, Ihe foi negado o convívio entre os “puros” ou os “não doentes” do seminário. Outra tristeza vivida pelo Hefesto mitológico foi o abandono por parte de sua mãe, Hera, que com vergonha dos demais deuses renegou o seu próprio filho. Nosso Hefesto também se viu abandonado quando sentiu, dentro de sua própria casa, o sofrimento que o desconhecimento e a ignorância podem causar à pessoa que vive com o vírus e às pessoas que estão ao redor, quando viu sua própria mãe separando, talheres, pratos, roupas de cama e de banho e outros utensílios pessoais específicos para ele utilizar a partir daquele momento. Mas se houve sofrimento, tanto o Hefesto grego quanto o participante do estudo tiveram também suas retomadas de espaço e poder. Na mitologia, os deuses, ao descobrirem como Hefesto era um excelente ferreiro e artesão, imploram seu retorno, sendo que coube a ele o privilégio de confeccionar as mais belas jóias e as mais seguras armas e escudos, tendo ele como prêmio o casamento com a mais bela de todas as deusas. De forma similar, nosso Hefesto também teve seu momento de reconhecimento, ao se tornar um profissional prestigiado e reconhecido tanto pelos movimentos sociais quanto pelo Governo Estadual da Paraíba. Pelos conhecimentos de advogado público, nosso Hefesto, mesmo sofrendo os muitos preconceitos relacionados à juventude, à homossexualidade e ao viver com HIV/Aids, insiste em possibilitar aos outros a segurança e a defesa que, muitas vezes, Ihe foi negado.

## Considerações Finais

O texto aqui apresentado teve o intuito de não ser apenas uma exposição de um estudo em andamento, mas o de ser, também, um grito acadêmico de alerta às dores causadas pelos preconceitos vividos por milhares de jovens que se tornam vítimas de um preconceito que se amplia a cada dia em nossa sociedade.

Nesse contexto, tanto o preconceito quanto a discriminação que emerge em forma de agressão física, verbal ou moral (assim como o sofrimento psíquico causado pelo medo do preconceito e da discriminação) são temas que precisam ser debatidos tanto nos meios acadêmicos, quando pelos movimentos sociais, pelos segmentos políticos e por outros setores da sociedade organizada que se interessem realmente em se engajar na luta pela conquista de direitos das pessoas em situações de vulnerabilidade social, como é o caso dos jovens homossexuais vivendo com HIV/Aids.

Por último, cabe destacar conquista recentemente alcançada em outubro de 2011, quando o Plenário da Câmara dos Deputados aprovou o Projeto de Lei 6124/2005 que criminaliza a discriminação às pessoas vivendo com HIV/Aids<sup>7</sup>. De igual maneira, esperamos que outras legislações abordando o combate aos preconceitos, em especial aos relacionados às questões de gênero e sexualidade, sejam da mesma forma aprovados. Tais textos legais podem ser visto, para muitos, apenas como mais uma legislação acerca da discriminação, mas estas novas legislações se tornam extremamente importantes não somente pelo teor jurídico, como pelo teor simbólico, uma vez que a sociedade passa a assumir que existem os preconceitos e que estes precisam ser combatidos.

## Referência Bibliográficas

- Amorim, C. M. de. (2007). *Jovens soropositivos por transmissão vertical : entremeando saúde e doença*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares de Comunidades e Ecologia Social. Instituto de Psicologia. UFRJ. Rio de Janeiro: UFRJ.
- Andrade, C. (2008). *Preconceito contra pacientes de Aids persiste, aponta Ministério da Saúde*. Notícia publicada em 01 de dezembro de 2008. Uol Ciência e Saúde. <http://noticias.uol.com.br/ultnot/cienciaesaude/ultnot/2008/12/01/preconceito-contra-pacientes-de-aids-persiste-aponta-ministerio-da-saude.jhtm>

---

<sup>7</sup> O projeto de Lei aguarda aprovação do Senado.

- Ayres, J. R. C. M.; França Júnior, I.; Calazans, G. J.; Saletti Filho, H. C. (1999). Vulnerabilidade e prevenção em tempos de Aids. In: Barbosa, R. M.; Parker, R. G. (Orgs.) *Sexualidades pelo avesso: direitos, identidade e poder*. São Paulo: Editora 34.
- Ayres, J. R. C. M., Paiva, V., França, I., Jr., Gravato, N., Lacerda, R., DellaNegra, M., Marques, H. H. S., Galano, E., Lecussan, P., Segurado, A. A. C., & Silva, M. H. (2006). Vulnerability, human rights, and comprehensive health care needs of young people living with HIV/Aids. *American Journal of Public Health*, 96, 1001-1006.
- Azevedo, R. L. W. (2007). *Aspectos Psicossociais da Sexualidade na Adolescência Associada a Vulnerabilidade ao HIV/Aids*. Dissertação de mestrado. Departamento de Psicologia. João Pessoa: UFPB.
- Azevedo, R. L. W. (2011). *Resiliência, Sintomatologia Depressiva e Ansiedade em Pessoas com HIV/AIDS*. Tese de doutorado. Departamento de Psicologia. João Pessoa: UFPB.
- Bastos, F. G. (2004). *Interfaces e Lacunas na Assistência prestada ao Adolescente Soropositivo*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós - Graduação em Serviço Social. Faculdade de Serviço Social. da UERJ.
- Brasil. Ministério da Saúde. (2005). *Marco Legal: Saúde, um Direito de Adolescentes*. Brasília: Ministério da Saúde.
- Brasil. Ministério da Saúde.. (2010). *Boletim epidemiológico – Aids e DST*. Disponível em [www.Aids.gov.br](http://www.Aids.gov.br) . Acessado em 02 de outubro de 2011.
- \_\_\_\_\_. (2011). *Boletim epidemiológico – Aids e DST*. Disponível em [www.Aids.gov.br](http://www.Aids.gov.br) . Acessado em 01 de 10 de fevereiro de 2012.
- Bulfinch, T. (2002). *O livro de ouro da mitologia: (a idade da fábula): histórias de deuses e heróis*. — 26. ed. — Rio de Janeiro: Ediouro.
- Carvalho, F. T., Moraes, N. A, Koller, S. H. & Piccinini, C. A. (2007). Fatores de proteção relacionados à promoção de resiliência em pessoas que vivem com HIV/AIDS. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 23(9):2023-2033.
- Carvalho, C.M.L; Galvão, M.T.G. (2007). Enfrentamento da AIDS entre mulheres infectadas em Fortaleza – CE. *Rev Esc Enferm USP* 2008; 42(1): 907.
- Castanõn, G. A. (2004) Construcionismo social: uma crítica epistemológica. *Temas em Psicologia*. v. 12, (1), 67– 81.
- Coleman, M.; Toledo, C. & Wallinga, C. (2000). Stress responses of child care providers to classroom activities and childhood behaviors involving HIV/Aids. *Journal of Pediatric Nursing*, 15, 356-363.
- Costa, S. M. S. da. (2000). *Vivendo com AIDS e enfrentando a violência: a experiência das adolescentes*. Dissertação de Mestrado. Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública.
- Dufour, D. R. (2000) *Os mistérios da trindade*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

- Foucault, M. (2001) *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Franchini, A. S. (2007). *As 100 melhores histórias da mitologia: deuses, heróis, monstros e guerras da tradição greco-romana*. 9 ed. – Porto Alegre: L&PM.
- Gergen, K. J. (2009). O movimento do construcionismo social na psicologia moderna. *Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis*, Florianópolis, v.6 (1), 299- 325.
- Guerra, C. P. P., & Seidl, E. M. F. (2009). Crianças e adolescentes com HIV/Aids. *Paideia*, 19(42), 59-65
- Ibañez, T. (1994). La construcción del conocimiento desde una perspectiva socioconstrucionista. In: Montero, M. (org.). *Conocimiento, realidad e ideología*. Caracas: Asociación Venezolana de Psicología Social, 1994. p. 39-48.
- Iñiguez, L.. (2004). Prática da análise do discurso. In: Iñiguez, L. (org.). *Manual de análise do discurso em Ciências Sociais*. Petrópolis: Vozes.
- Lopes, J. (2008). *Aids: preconceito ainda é uma barreira para os pacientes*. <http://vilamulher.terra.com.br/Aids-preconceito-ainda-e-uma-barreira-para-os-pacientes-11-1-60-168.html>
- Nascimento. V. L. V. (2007). *Práticas sociais em situações de discriminação no cenário da aids: sobre direitos, demandas e encaminhamentos*. Tese de doutorado. São Paulo: PUC.
- Oliveira, T. G. (2005) *Aids e discriminação: violação dos direitos humanos*. Jus Navigandi, Teresina, ano 10, n. 762, 5 ago. 2005. Disponível em: <<http://jus.com.br/revista/texto/7126>>. Acesso em: 08 de nov. 2011.
- Pizarro, M.A. R. P. (2006). *Aids, Resiliência e Escola*. Dissertação de Mestrado. Santo Ângelo, RS. UNIJUI.
- Rosen, G. (1994). *Uma História de Saúde Pública*. São Paulo: Editora da Unesp.
- Saldanha, A. A. W. (2003). *Vulnerabilidade e Construções de enfrentamento da soropositividade ao HIV por mulheres infectadas em relacionamento estável*. Tese de doutorado – Pós-graduação em Psicologia. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto. Universidade de São Paulo.
- Spink, M. J., (org.) 2000. *Práticas Discursivas e Produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. São Paulo: Cortez, 2 ed.
- Spink, M. J., & Medrado, B. (2000). Produção de sentidos no cotidiano: Uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. In Spink, M. L. (Ed.), *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: Aproximações teóricas e metodológicas* (pp. 41-61). São Paulo, SP: Cortez
- Spink, M. J. (2010) *Linguagem e produção de sentidos no cotidiano*. Rio de Janeiro. Centro Edelstein de Pesquisas Sociais.
- Weber, M. (2004). A “objetividade” do conhecimento nas Ciências Sociais. In: Cohn, G. (Org.). *Sociologia*. São Paulo: Ática.